

Especialista em ayahuasca desmonta argumentos de abusadores: 'papo furado de líder malandro!'

Bia Labate, diretora de Instituto de Plantas Psicodélicas Mediciniais, condena sexo entre guru e discípulas ayahuasqueiras

RIO — Bia Labate é diretora executiva do Instituto Chacrana de Plantas Psicodélicas Mediciniais, organização dedicada ao debate sobre o uso tradicional de plantas sagradas e ciência psicodélica. Ela estuda os rituais da ayahuasca há mais de 20 anos e recentemente coordenou a criação de uma lista de diretrizes para orientar mulheres ayahuasqueiras de forma a detectar gurus abusadores.

Por telefone, explicou ao GLOBO como a postura de que Diógenes Mira é acusado não apenas fere os direitos das mulheres mas também atenta contra os preceitos da cultura tradicional da ayahuasca. Diógenes, conhecido como Ananda Joy, nega ter abusado de seguidoras.

Nas denúncias feitas contra Diógenes Mira, testemunhas que frequentavam suas cerimônias afirmam que sua postura feriu os passos do ritual da ayahuasca. Você pode explicar esses passos, por favor, e como o sexo interfere nisso?

A ayahuasca é um ritual que envolve não só o período durante o consumo da bebida, mas o antes e depois também fazem parte da experiência. Tem uma preparação e um pós-ritual.

Antes de tomar, não é recomendado que tomem bebidas alcoólicas, ou que façam sexo ou que comam determinadas comidas. Durante o ritual, tem uma pessoa mais experiente que te dá a bebida, determina a dose, e tudo ocorre dentro de um ritual; há começo, meio e fim da cerimônia.

Após o ritual tem um processo de integração da experiência. É preciso ter cuidados porque a ayahuasca ainda está no seu corpo e você ainda está processando tudo pelo que passou. Logo depois, você ainda está saindo do efeito. O sexo geralmente não é recomendado. Ainda mais entre um líder e sua discípula.

Existe uma recomendação que as pessoas descansem, tenham momentos de reflexão e introspecção, reflitam sobre tudo o que aconteceu. Não é assim: acabou e, em seguida, vai a uma festa! Espera-se que no dia seguinte a pessoa tenha calma, fique recolhida e reflita mais sobre todos os aprendizados e ensinamentos.

Diógenes também é acusado de servir outras substâncias psicoativas, inclusive drogas sintéticas, como ecstasy e MDMA. Isso fere os preceitos da ayahuasca?

Esse uso de drogas não existe de forma alguma nas culturas ayahuasqueiras. É totalmente fora dos preceitos.

O que certos líderes aproveitadores podem apresentar como discurso é que essas outras substâncias seriam “como a ayahuasca”, que teriam “aprendizados espirituais” ou outros méritos estéticos, ou sensuais, ou qualquer coisa assim. Também argumentam que a sua proibição em comunidades ayahuasqueiras mais antigas é um sinal de seu cabocismo, de que são rurais, provincianas, tradicionalistas ou coisa que o valha. Um discurso de quem se coloca como mais “descolado”, “moderno” ou “adaptado à vida urbana”.

Mas esse uso e mistura não condiz com nenhuma tradição. Nem no Santo Daime, nem na União do Vegetal, nem na Barquinha, nem nos xamanismo indígenas, ou nos usos mestiços, caboclos e sincréticos, que são as correntes mais tradicionais e originárias. Ninguém está usando ayahuasca e LSD, ou ecstasy etc.

Independentemente de essas substâncias poderem ou não ter potenciais propriedades terapêuticas em si mesmas, ou se devem ser proibidas do ponto de vista das políticas públicas, esse uso não faz parte de nenhuma tradição ayahuasqueira e não é bem visto em nenhuma corrente. É papo furado de líder malandro!

Como que uma pessoa interessada na cultura ayahuasqueira pode escolher uma comunidade tradicional, evitando pessoas de má-fé?

Quem vai entrar em um grupo de determinada linhagem vai ter que fazer uma pesquisa sobre o lugar que pretende frequentar. Assim como você pesquisa sobre o curso de especialização em psicologia ou culinária, por exemplo. Assim como qualquer coisa que fazemos, precisamos nos informar, ler, conversar, pesquisar. Por exemplo, podem-se procurar relatos de quem frequenta, referências na internet, investigar se tem raízes em uma comunidade local, enfim, saber como é e onde você está se metendo. Tem que procurar conhecer o líder e outros membros antes de ir, sentir o clima, e de preferência ir com um amigo que já frequente, ou com um aliado que faça a intermediação com o grupo e te acompanhe depois também. Um grupo que não tem nenhum critério de seleção e entrevista prévia aos novatos já indica limitações.

Existe alguma organização dentro da religião a quem os fiéis possam procurar e denunciar posturas abusivas?

Geralmente não existem instâncias formais de regulamentação. É o que os antropólogos chamam de controles sociais, informais ou comunitários. Você precisa conhecer pessoas que frequentam, conversar para verificar a legitimidade desses líderes, tentar se informar como puder. São comunidades orais, tal qual umbanda, espiritismo ou candomblé, não tem um órgão que faça um “rating” ou acolha “reclamações”. Também é preciso verificar se é um voo de uma só pessoa, ou se existe um grupo de ajudantes, uma comunidade em seu entorno. No caso de problema, as autoridades e membros do grupo devem ser comunicados imediatamente. Este tipo de coisa só vai começar a mudar quando as pessoas tiverem coragem de denunciar.

Há um discurso, nos relatos das vítimas, de que as pessoas não conseguiriam viver fora das comunidades. Você já viu isso antes?

A cultura ayahuasqueira tem origem na Amazônia, pode ser bem cabocla e tradicional. Por isso, algumas comunidades urbanas não se identificam com determinadas tradições e propõem alternativas ou variações. Por exemplo, as divisões de gênero: em algumas comunidades, os papéis de homens e mulheres são bem marcados (dentro e fora do ritual). Então a gente percebe que alguns líderes se aproveitam dessas diferenças culturais e dos sentimentos de insatisfação com relação a certas regras para investir nos seus abusos e malandragens. Um discurso do tipo “a sociedade não entende”, “isso é preconceito com a vivência tântrica”, “o povo ainda não tem a capacidade de lidar com isso”. O cara pode falar mil coisas, mas a verdade é que ele se beneficiou o lugar de poder dele, da autoridade religiosa.

Ou seja, o problema não é o chá ou a religião, mas sim o poder hierárquico. É isso?

O problema, no limite, não é a cultura patriarcal ou machista, não são os papéis de gênero tradicionais, muito menos a ayahuasca. O problema é a liderança. Como em todo abuso, é uma questão de poder, e está baseado numa relação hierárquica – quer dizer, no mau uso desta hierarquia. Se você tirar o cargo de padrinho, o Daime e a aura, você acha que esses caras ficariam como? É uma questão de poder.

Muitas vítimas de abuso demoram a denunciar. A que credita essa demora?

Até a pessoa entender o que aconteceu, demora. O líder usa a religião como moeda de troca. Então ele se esfrega em você, te penetra, pega no seu peito, passa a mão na sua coxa... no dia seguinte você está ajudando numa tarefa especial, passa a figurar em um posto mais avançado na hierarquia, parece que você tem dons ou talentos espirituais. Tem muitos relatos comuns em diferentes contextos.

Por exemplo, as mulheres que são foco do desejo começam a ser convidadas para vivências secretas e especiais depois dos abusos. Ou então a pessoa simplesmente está tão envolvida naquela relação terapêutica ou religiosa, tão vulnerável e aberta, que não se dá conta, mesmo. Pode demorar para cair a ficha.

Dentro daquele contêiner, foi criada uma relação particular, e as pessoas podem perder um pouco a noção, tem a transferência com o terapeuta etc. Mas, quando cai a ficha, pode haver uma espécie de “efeito dominó” - das pessoas irem tomando consciência do que aconteceu – aí uma conta, e outras se identificam com aquilo, e de repente tudo se completa, tudo parece muito claro.

Mas às vezes isso pode demorar muito ou nem acontecer. Tem que lembrar que tem a questão do tabu, da vergonha, do estigma, de achar que foi culpa sua.

Ainda, tem o caso de certas mulheres que já eram especialmente vulneráveis, e procuram rituais de ayahuasca para tentar tratar de traumas, muitos inclusive de origem sexual.

Uma vez, expliquei para uma pessoa que fez uma vivência xamânica que não existia nenhum rito no qual o xamã ejaculasse na sua boca e ela tivesse de engolir o esperma, que isso não “curava trauma sexual”. Só quando eu falei isso, ela entendeu que havia sido vítima de abuso.

Você participou da elaboração de uma lista com dicas para mulheres ficarem alertas e perceberem sinais de comportamento abusivo dos líderes. Das 16 coisas a saber, quais destacaria como mais importantes?

Esse foi o trabalho em que levamos alguns meses consultando mulheres, homens, facilitadores, xamãs, antropólogas e vítimas. Existem dois lados importantes desse trabalho.

O primeiro é que essa lista tem um foco especial no turismo xamânico, nas mulheres de países do norte que vêm em busca de experiências com a ayahuasca. A gente chama a atenção dessas pessoas que visitam a Amazônia para que elas tenham consciência das diferenças de costumes entre os hábitos locais e aqueles do país de origem da pessoa. Em

determinadas comunidades e etnias indígenas as mulheres têm um jeito específico de lidar com os homens, e as estrangeiras nem sempre sabem disso. O que a gente pretende é lembrar essa “arrogância ocidental” de achar que os papéis de gênero ocidentais são universais e válidos para todos os contextos.

A outra parte importante é que tentamos desmistificar enganações frequentes, discursos feitos por abusadores. Por exemplo, ter relações sexuais durante um ritual, isso não existe; outra coisa que não existe é o xamã tocar as partes íntimas da pessoa durante a limpeza. Orientamos que ter sexo com um xamã não faz de você uma xamã, não te faz forte nem poderosa de alguma forma.

É difícil apontar um abusador quando se está dentro de uma comunidade religiosa?

Eu mesma passei por uma situação dessas em relação a um xamã de quem era próxima. Recebemos denúncias, confrontamos e ele negou tudo. Demorou, mas uma hora caiu o véu, se tornou indiscutível e expulsamos ele do grupo. E, quando isso acontece, aí vem um monte de casos, porque as pessoas se empoderam e criam coragem para denunciar. Nessas horas, a comunidade e, principalmente, o elo entre as mulheres dali é muito importante. Inclusive, nesse caso, depois mantivemos uma rede de mulheres em alerta dentro da comunidade e descobrimos que um seguidor desse xamã já estava repetindo o sistema de abusos dele, mesmo após as nossas denúncias e após ele ter fugido do país.

Como as comunidades religiosas estão reagindo às denúncias de líderes como Prem Baba, João de Deus e Ananda Joy?

Há uma renovação de ares, acho que as mulheres estão acordando, e tem uma geração de homens mais conscientes e engajados também. Homens que entendem que os padrões atuais de masculinidade tóxica não são bons nem para mulheres e nem para homens. Mas uma coisa que nos entristece é quando há uma camada de gente da própria comunidade protegendo o abusador. Muitos acabam sendo condescendentes com esses líderes porque os mestres oferecem um serviço muito caro a essas pessoas.

Imagina você ter uma coisa muito boa, que dá sentido à sua vida, e então descobrir um desvio de caráter do homem que (aparentemente) é o mediador que te leva a essa coisa boa. Entendo que seja uma virada difícil, porém muito necessária, que os membros das comunidades apoiem essas vítimas. Não podemos mais tolerar esse tipo de coisa.

É importante as mulheres criem círculos de apoio mutuo, isto da uma grande sensação de empoderamento, é uma coisa muito bonita... acaba gerando uma irmandade e

cumplicidade incríveis! E muitas vezes, a mudança pode começar por questionar a mulher do líder, e tentar sensibilizar as lideranças femininas.